



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UMA ESTAÇÃO ENEOLÍTICA NO MONTE DA ÍNSUA.

RIBEIRO, Ricardo

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

RIBEIRO, Ricardo, Uma Estação eneolítica no Monte da Ínsua. *Revista de Guimarães*, 41 (1-2) Jan.-Jun. 1931, p. 81-84.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Uma Estação Eneolítica no Monte da Ínsua

Quem seguir a estrada de Guimarães a Braga encontra à sua esquerda, trezentos metros antes de atravessar a ponte das Taipas, um monte espriado e plano conhecido pelo nome de monte da Ínsua. Alarga-se êste monte numa chã espaçosa e vasta, até morrer em suave declive na margem do rio Ave, que o limita de norte a poente.

Unico trato de terra brava a contrastar com o verde dos campos que o cercam. Em volta, nos longes a fechar o horizonte, os montes da Citânia e do Sabroso pelo norte, a sul e a poente o gigantesco dorso granítico da Penha e a mole boleada do Castro de Vermoim e a nascente, a despontar no verde dos pinhais, o cabêço afiado do Castro de Prazins.

Assim assenta, no meio dêste vale limitado por velhas recordações, o monte de que nos vamos ocupar e que nada apresenta de notável aos olhos do viajante descuidado, a não ser o deslumbramento da paisagem que o cerca e que se alarga pela extensa e verdejante ribeira do Ave, até morrer fechada pela cordilheira abrupta do Gerez, num fundo de cinza esbatida.

Tem contudo êste monte para os curiosos de velharias alguma cousa de importante e de que vou dar notícia, por entender que virei assim contribuir de alguma forma com novos elementos de observação para um caso que deverá sem dúvida chamar a atenção dos estudiosos.

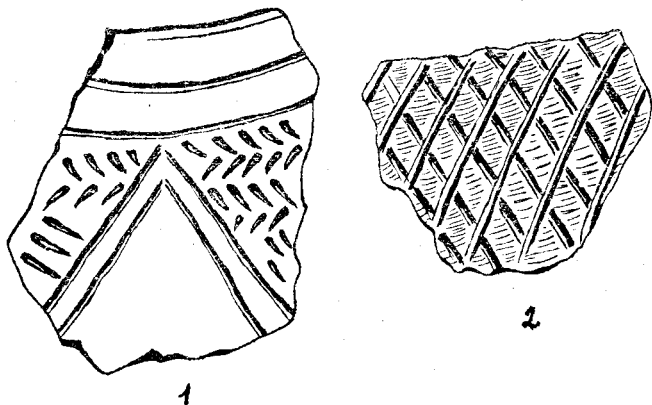
Quando em 1928 nos ocupávamos da escavação dos Fornos da Ribeira, aqui situados e proficientemente descritos nesta revista pelo sr. dr. Luís de Dina (¹), encontramos alguns elementos que embora insuficientes foram contudo incentivo para novas pesquisas, das quais, por serem efectuadas mais tarde, só agora podemos dar notícia.

(¹) Ver *Revista de Guimarães*, vol. XXXVIII, n.ºs 1, 2, 3 e 4.

Os poucos vestígios por nós recolhidos nessas diferentes escavações, pôsto que reduzidos, dão-nos todavia como certa a existência nestes sítios de uma população dos recuados tempos do período eneolítico.

Na parte mais elevada do monte e onde o terreno forma como que uma bacia ligeiramente cavada, ergue-se, quasi ao centro, um montículo de terra de uma altura aproximada de 5 metros, e um raio na base de cerca de 7 metros.

Nesta elevação do terreno, que me não pareceu natural, efectuei uma sondagem, abrindo dois rêgos profundos em cruz, a ver se assim encontraria elementos que me guiassem no alargamento de pesquisas futuras. Não foi



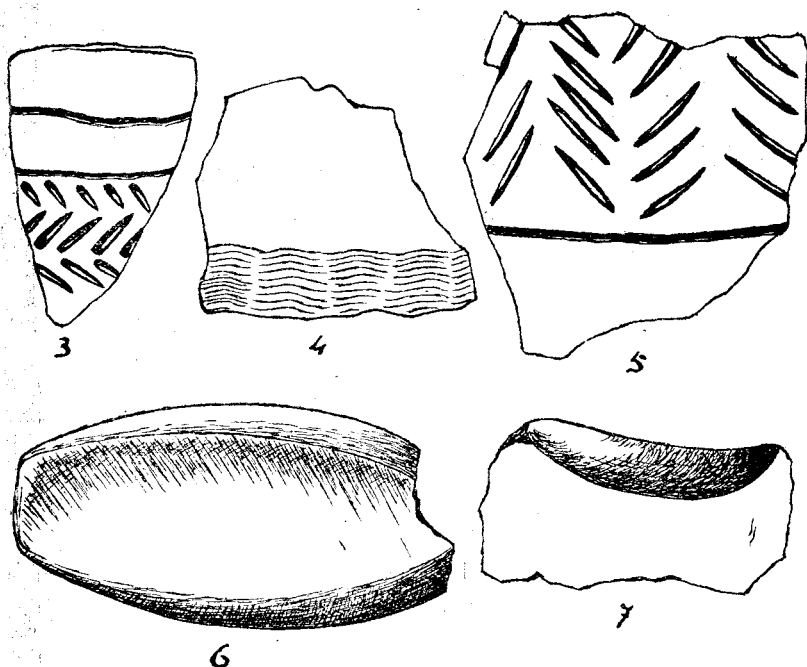
trabalho perdido porque, além da certeza de que este montículo era devido à acção do homem, confirmada pela natureza vegetal da terra removida, que sendo negra apresenta muitos fragmentos de carvão, principalmente nas camadas mais profundas, 3 a 4 metros, onde termina e dá começo ao terreno firme e duro constituído por terra de saibro amarelo e areento.

Dos objectos aqui recolhidos destacam-se dois fragmentos de cerâmica ornamentada e um triturador de pedra (Fig. 1, 2).

Não me deu esta elevação, apesar de cortada em quatro sentidos opostos até ao nível do terreno que a cerca, quaisquer elementos que me indicassem uma construção dolménica ou de outra natureza.

Efectuando depois novas escavações a uns 100 metros para nascente, recolhi mais alguns fragmentos de cerâmica semelhante à anterior e um instrumento de pedra polida. (Fig. 3, 4, 5, 6).

Mais tarde numa pequena escavação, feita um pouco



ao norte da primeira, recolhi ainda outro triturador de pedra. (Fig. 7).

Têm de notável estes fragmentos de cerâmica o serem de olaria grosseira, sem vestígios de roda de pasta grossa e cheia de areia muito negra nas camadas exteriores e arroxeadas no centro, com os motivos ornamentais feitos de incisões profundas e sobretudo por serem na natureza e qualidade da pasta na espessura, na forma rude do fabrico e na técnica decorativa em tudo iguais à cerâmica da Penha.

E' nesta semelhança que julgamos residir o valor do achado que, embora reduzido, nos localiza uma nova esta-

ção desta natureza, até hoje apenas de nós conhecida no monte da Penha, do qual esta dista doze quilómetros e pelo notável trabalho de Florentino Cuevielas, na Serra das Moitas, Lobeira, Galiza, pôsto que a dêste lugar, embora semelhante na forma dos vasos, seja contudo mais pobre na variedade dos ornatos e mais simples na imaginação inventiva dos desenhos.

A comparação desta cerâmica com a da Penha parece levar-nos a aceitar como certa a hipótese de que o campaniforme teve no Minho uma fixidez excepcional, a ponto de dar como derivante uma interpretação quanto à forma dos vasos e à variedade dos motivos ornamentais.

RICARDO F. RIBEIRO.